O SÍTIO ARQUEOLÓGICO DO MASCARRO NO CONTEXTO DO POVOAMENTO ANTIGO NO CONCELHO DE CASTELO DE VIDE

Sílvia Ricardo[1]

Resumo:

Este estudo centra-se na investigação dos vestígios arqueológicos existentes no Monte do Mascarro e contextualização do mesmo no concelho de Castelo de Vide, território do Norte Alentejo.

Existem alguns sítios já identificados e intervencionados no concelho que fariam parte de uma rede de povoamento rural sobre a qual ainda muito falta saber.

O principal objetivo é relacionar os vestígios do Mascarro no povoamento antigo e com outros locais de cronologias semelhantes no atual território do concelho de Castelo de Vide e da *civitas* de *Ammaia*. A maioria destes sítios aparenta estar relacionados com as atividades agrícolas e com a exploração dos recursos do *fundus*.

Palavras-chave: Povoamento rural romano, Castelo de Vide, Mascarro, exploração recursos

Abstract:

This study focuses on the research of existing archaeological remains on Mount Mascarro and contextualization of the same in Castelo de Vide municipality, territory of Northern Alentejo.

There are some already identified sites and intervened in the county that would be part of a rural settlement network on which much still remains to.

The main objective is to relate the vestiges of the old Mascarro and other chronologies of similar places in the current territory of the municipality of Castelo de Vide and civitas Ammaia settlement. Most of these sites appear to be related to agricultural activities and the exploitation of the fundus resources.

Key-words: Roman Rural Settlement, Mascarro, agrarian structures

[1] Universidade de Évora. Escola de Ciências Sociais.

Fig. 10 – Localização do concelho de Castelo de Vide no mapa de Portugal

O concelho de Castelo de Vide, distrito de Portalegre, está integrado na Serra de São Mamede. É geograficamente pequeno, apesar de deter uma elevada dinâmica paisagística.

Ao reunir condições estratégicas, naturais e mineralógicas, torna-se um território procurado e ocupado desde os tempos mais remotos, como comprovam diversos vestígios arqueológicos.

A qualidade dos níveis freáticos originam nascentes por todo o concelho e linhas de água, como a ribeira de Nisa e a ribeira de Figueiró que desaguam no Rio Tejo, ou a ribeira de São João e a ribeira da Vide. Esta rica rede hidrográfica origina extensões de solos agrícolas com elevada aptidão, que permitem uma agricultura intensiva.

Presumivelmente existiram neste território comunidades indígenas, facto que se pode comprovar pela epigrafia, onde são mencionados indivíduos identificados com a onomástica indígena.

A partir da *romanização* o povoamento rural é restruturado com a fundação da *urbe ex-novo Ammaia* e das alterações que a nova organização do território comandou, agregado na vasta província da *Lusitânia*, cuja capital era *Emerita Augusta*, e consequentemente no território do *Conventus Emeritensis*.

Seria uma zona organizada em propriedades repartidas, com sítios de economia ampla, e uma paisagem aberta pontuada por grandes *villae* ocupando-se da tríade mediterrânica nas áreas de solos seareiros. Ao nível da estruturação do povoamento verifica-se sobretudo a difusão da propriedade privada e a introdução de um novo sistema de exploração agrícola baseado em pequenos casais e *villae*.

André Carneiro (2014) reforça esta ideia afirmando que em torno de *Ammaia*, nos concelhos de Castelo de Vide e Marvão, sobressai uma cultura material vinculada ao *fundo* indígena e às elites locais, mas sobretudo estruturado em grandes *villae*.

Os vestígios de sítios romanos que são conhecidos no concelho de Castelo de Vide variam em termos de tipologia construtiva e de cultura material. A maioria dos

sítios conhecidos no concelho remetem a vestígios construtivos ou manchas dispersivas de materiais associados ou não a construções. Existem também alguns achados avulsos e descontextualizados.

O local designado de Vale do Cano – Figueira, freguesia de Santa Maria da Devesa, é composto por vários pequenos sítios, no limiar do concelho com Marvão. Enumeram-se um capitel jónico-toscano, três fustes de coluna, silhares, um peso de lagar e conhecesse-se daqui uma epígrafe funerária.

Sobre esta, José d'Encarnação (1984,683) descreve ser uma «*Esteia funerária, em granito, totalmente alisada; retangular, tem a parte superior abaulada. A inscrição ocupa a face anterior, sem campo epigráfico delimitado.*»

LOVESIO / ANCEITI *(filio)* / AMMAI/[E*(n)]* SI · FILI(i) / 5 DE · SVO

A Lovesio, filho de Anceito, amaiense — os filhos, a expensas suas.

Numa das construções que compõem o monte está embutida uma pequena árula em granito, escórias e fragmentos de cerâmica de armazenamento, bem como um enorme peso de lagar em granito.

Na zona da Colegiada, freguesia de Santiago Maior, verificam-se "vestígios de alinhamentos" e foi aqui identificada uma ara votiva, de granito de grão fino, reutilizada posteriormente como pedra de lagar. José d'Encarnação (1995) publica a seguinte leitura:

[...] / MAR[CI F(ilius)] (?) / EX CO[NS(ulto)] (?) / ANDAIECQ / 5 (hedera)
P(ius?) (hedera) P(osuit?) (hedera)

(...), filho de Marco, em consequência de um oráculo, colocou piedosamente a Andaieco

Este achado é bastante interessante pelo facto de conciliar um culto de carácter oracular e por se tratar de uma divindade indígena, a primeira menção conhecida a *Andaieco*. (Carneiro, 2014: 129)

O sítio da Tapada Grande – Meada, freguesia de Nossa Senhora de Póvoa e Meadas, aparenta ser uma «*Extensa villa romana hoje muito delapidada. O elemento*

patrimonial mais relevante é a barragem com paredão conservado de 115 metros, cortando a ribeira de Vide.» (Carneiro, 2014: 123)

Reconhece-se uma mancha de dispersão com cerca de um hectare de cerâmica de construção e doméstica, e daqui foram retirados por ação agrícola pesos de lagar, bases de colunas, silhares e duas aras anepígrafas, mas não se identificam atualmente vestígios de estruturas.

Em relação ao sítio dos Mosteiros, da mesma freguesia que o sítio anterior, Mário Monteiro (2003, 2) afirma «*Os vestígios deste sítio arqueológico encontram-se dispersos por uma vasta área, que ao longo dos tempos tem vindo a ser completamente fragmentada em pequenas propriedades, separadas por muros de pedra*.»

A área em que se encontra o sítio arqueológico é constituída, na sua maioria, por solos de classe D e classe E, estando os principais vestígios implantados numa mancha de solos de classe C e por bons recursos hídricos.

Segundo Mário Monteiro (2003) a *pars urbana* encontra-se instalada numa suave encosta virada a Sul, na base da qual corre uma linha de água.

Ao nível dos materiais afirma encontrarem-se silhares dispersos, elementos de coluna, *tegulae*, *imbrices* e alguns tijolos. É o único sítio em Castelo de Vide onde se identificaram mosaicos, e nas imediações foi encontrada uma urna de chumbo com materiais e cinzas no interior.

A única estrutura intervencionada do ponto de vista arqueológico foi o forno romano sobre os quais existem informações concretas.

Aqui foi também encontrada uma ara votiva de grão médio de *P. Carminivs Macer*, cujo cognome latino [*Macer*], se regista em Marvão e em Castelo de Vide. (Encarnação, 1984: 696)

P(iiMiiw) CARMINI/VS MACER / EX VOTO

Publio Carminio Macer, por voto.

Mário Saa, sobre este sítio refere que «Transposta a Póvoa, atinge, 3 km depois, os Mosteiros, campo de ruínas que, na tradição local, andam atribuídas a destruído convento. Mas são ruínas de idades e épocas várias, principalmente da romana: vasta e densa dispersão tègular, com todo o mais material daquelas específicas construções.

Paredes grossas e rijas, empedernidos alicerces, segmentos de condutas de água, fragmentação de pavimentos a cores, silos subterrâneos.» Não se encontram referências à existência de uma estrutura monástica neste local, no entanto falta elaborar um levantamento documental exaustivo. (Carneiro, 2014)

Este aparenta ser um dos grandes sítios arqueológicos do Alto Alentejo, infelizmente em processo de espoliação.

O "pequeno povoado" Santo Amarinho, freguesia de São João Batista, apresenta alinhamentos, e *«(…) foi-nos dito que perto do chafurdão terá havido uma ocupação habitacional de época romana, pelo que a suposta necrópole romana deverá estar mais afastada deste sítio*.» (Wölfram, 2011: 30) Nas imediações existe uma necrópole medieval constituída por um conjunto de dezasseis sepulturas de lajes e três escavadas na rocha (Prata, 2012). Foi recolhida uma ara em formato de paralelepípedo de granito. Pela tipologia de letra, atribui-se à segunda metade do século I d.C.

José d'Encarnação (1984) publica esta ara afirmando *«(…) a face dorsal apresenta dois grandes sulcos longitudinais paralelos (…) há também uma cavidade rectangular feita decerto para reutilização, que levou a metade superior das três ultimas letras*.»

G(aius) · DOMI/TIVS · / MVSTA/RI · F (ilius) · CL Y[niensis) · / 5 AN
[norum) · XXX/III [trium et triginta) / H(ic) · S\itus) · E(sJ) ·
Aqui jaz Gaio Domicio Cluniense, filho de Mustario (?), de trinta e três anos.

O sítio identificado e escavado (1971 e 1982) na Tapada do Ribeiro Carvalho – Machoquinho, da mesma freguesia, remete para um celeiro – *horreum.* As estruturas correspondem a alinhamentos de pedra levantadas compatíveis com este tipo de construções.

O sítio foi identificado devido aos vestígios de superfície, como *tegulae*, *imbrices*, pesos de tear e fragmentos de dolia.

O sítio VI do Vale da Bexiga, freguesia de São João Batista, tem uma cronologia dos seculos III-IV, atribuída por Maria da Conceição Rodrigues, no entanto não se sabe em que critérios ou vestígios se baseou para o fazer, nem onde se encontram os materiais recolhidos.

Foi escavado em 1982 pelo GACV (Grupo de Arqueologia de Castelo de Vide) e os trabalhos ocorreram essencialmente numa necrópole de quatro sepultas de laje orientadas nascente-poente, e nas estruturas em torno destas (Prata, 2012: 30).

Foram exumadas colunas e bases de coluna, havendo entre elas um colunelo visigótico provavelmente pertencente a um templete. Presentemente é impossível obter qualquer conclusão em relação à ocupação do sítio porque em 1986 foi arrasado mecanicamente.

Em termos de implantação, o sítio encontra-se em plataforma de declive suave para Sul, paisagisticamente enquadrado, dominando uma linha de água e um conjunto de boas várzeas agrícolas.

Sobre este sítio André Carneiro (2011: 90) conclui «*Em resumo, trata-se claramente de uma villa dedicada à exploração dos férteis terrenos da envolvente. O padrão de implantação e os dados de terreno apoiam esta leitura.*»

A Tapada da Pedreira, da mesma freguesia que o anterior, corresponde a um local com vestígios materiais que a autora da *Carta Arqueológica do concelho de Castelo de Vide* (1975) refere como uma área de grande dispersão de cerâmica de construção, cerâmica comum e blocos de pedra; destaque para uma coluna de granito. A autoria refere ainda que a 60 cm de profundidade identificou um pavimento de lajes de granito, tendo sido recolhida grande quantidade de cerâmica, vidros e um peso de tear. Considera-se que aqui existia uma *villa* romana, onde a coluna de grandes dimensões pode ser um indicador de monumentalidade.

Localiza-se numa encosta voltada a sudoeste, de implantação canónica, solos férteis na base da encosta onde passa uma linha de água.

Além dos sítios anteriormente referidos, reconhecem-se mais duas realidades, os locais identificados através da prospeção de manchas de dispersão, alinhamentos ou até reutilizações de materiais e os sítios que ainda não foram possíveis identificar no terreno mas que se conhecem os topónimos.

Nas imediações do Mascarro podem reconhecer-se duas manchas principais de materiais cerâmicos e estruturas. Correspondem principalmente aos "conjuntos" designadas por Vale da Manceba – Vale Silvano e Tapada de Matos – Vale da Bexiga. Estes dois "conjuntos arqueológicos", próximos de linhas de água e de acessos, são compostos por estruturas e manchas de dispersão, onde alguma cerâmica foi recolhida.

São visíveis alinhamentos de muros, pesos de lagar e de tear, bem como blocos graníticos.

O Vale da Manceba inclusive é indicado por André Carneiro (Carneiro, 2014: 128) «*No seguimento de Vale da Bexiga, percorrendo o antigo caminho romano em direcção a oriente, situa-se uma provável villa*.» Na margem direita existem pedras afeiçoadas e almofadas romanas e são abundantes os vestígios de habitação tipo romana. Na margem oposta registam-se uma grande concentração de pequenas unidades de exploração familiar, uma escadaria escavada no afloramento, pesos de lagar, silhares, escórias e blocos de *opus signinum*. É um local de implantação canónica, em encosta suave a sul, com linha de água na base e rodeado de férteis várzeas.

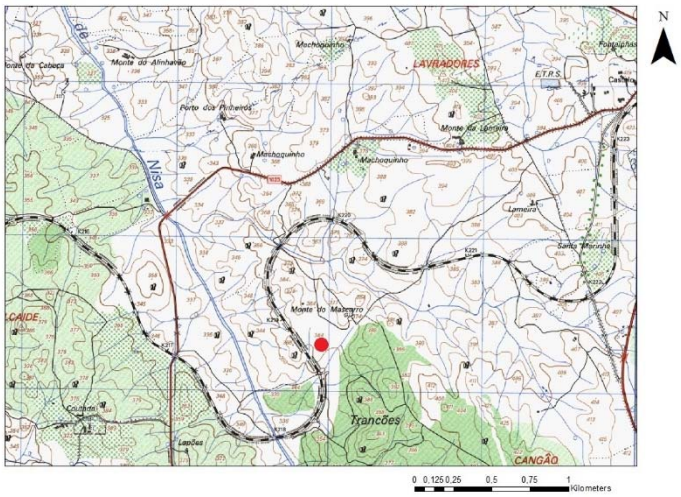


Fig. 11 – CMP 355 com indicação do sítio do Mascarro

A zona do Mascarro, relativamente à envolvente, é de difícil leitura. O local onde se encontram as estruturas arqueológicas não foi aproveitado do ponto de vista agrícola e aparenta não ter sido alvo de grandes espoliações. As estruturas conhecidas estão relativamente próximas a um antigo caminho que caiu em desuso há relativamente pouco tempo.

No entanto, a paisagem mudou muito ao longo dos tempos, particularmente devido à construção do caminho-de-ferro no final do século XIX.

O sítio do Mascarro[2] foi identificado em 1970 devido ao achado de um triente visigótico em ouro, material pelo qual foi publicado no ano seguinte por D. Fernando de Almeida, em *O Arqueólogo Português*.

[2] Localiza-se na freguesia de São João Baptista, concelho de Castelo de Vide.
CMP nº.335, escala 1/25000; Coordenadas geográficas WGS84 N 39º24'36,0" W -07º30'49,9"; CNS 531.

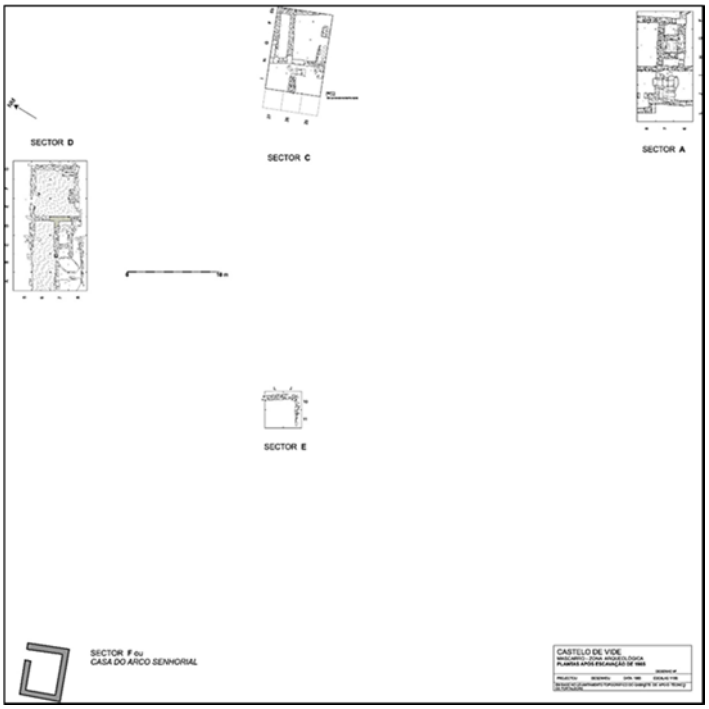
Foi alvo de escavações arqueológicas entre os anos 1983 e 1985, sendo que a campanha de 1983 foi dirigida por Diamantino Sanches Trindade e as duas restantes campanhas foram da responsabilidade de Jorge de Oliveira.

Ao longo das campanhas de escavação (1983 até 1985), foram intervencionados quatro setores, nos quais se distinguem muros que formam compartimentos, alguns com pisos e onde se definem estruturas de apoio à transformação de produtos. A dificuldade de análise deste sítio reside no facto de não ser possível estabelecer uma relação lógica entre as estruturas dos diferentes setores. Possivelmente existe ligação entre eles e uma lógica entre compartimentos, mas sem escavação é complexo comprovar tais situações.

O sítio do Mascarro desde a sua descoberta, passando por várias investigações, tem sido entendido como sendo uma *villa* romana, na qual foi intervencionada parte da *pars rustica*. A realidade material mostra ainda um momento tardio.

No entanto até à atualidade os indicadores mais considerados para a identificação das *villae* estão ausentes nas imediações e nos setores intervencionados, como os pavimentos em mosaico ou a pintura mural.

Poderá no entanto, encaixar-se em tipologias de povoamento mais reduzidas, como sendo uma granja ou um casal. Tem elementos arquitetónicos e área de dispersão cerâmica que enquadre nestes contextos.



O Setor A compreende parte de uma estrutura de transformação de azeite – *torcularium* -, que se define por ser um espaço de adega e lagar. A sua utilização estaria relacionada com a exploração e transformação dos produtos do *fundus* para consumo local ou para fins de exportação.

Mais especificamente, compreende parte de uma estrutura destinada à decantação de azeite, onde são visíveis três recipientes que estariam adossados, conectados ou não na parte superior.

Os *torcularia* são construções compostas por várias instalações e elementos, além do contrapeso, diretamente relacionados com a transformação de produtos tais como mecanismos de decantação no caso do azeite e de fermentação no caso do vinho (Peña Cervantes, 2010a). O estudo destas estruturas levanta algumas problemáticas como a falta de uniformização terminológica dos compostos e o uso dos mesmos mecanismos de extração tanto para a obtenção do azeite como do vinho.

No Monte do Mascarro foram identificados recentemente dois fragmentos de contrapeso de lagar, que correspondem ao tipo 12 da classificação de J.P. Brun, utilizados nas prensas de parafuso. Estes elementos permitem para já perceber o tipo de produção, mas não a capacidade.

No Setor B/D[3], estruturalmente, as paredes são de duplo paramento, estão pelos alicerces e não revelavam vestígios de argamassa; leva a crer que é uma construção mais tardia, relativamente às restantes. Parecem ser compartimentos habitacionais ou de apoio às atividades rurais, que muitas das vezes tinham pisos em *opus signinum*. Foram identificados alguns elementos arquitetónicos reutilizados.

É descrito como uma extensa divisão habitacional que na sua maior parte apresenta um piso de tijolo moído sobre um nível de calhaus rolados. Encontra-se dividido em dois compartimentos principais, ambos com o referido piso.

Quanto ao Setor C, pelas caraterísticas das estruturas, pela qualidade e quantidade de espólio recolhido e pelas escórias de metal, aparenta ser uma oficina de

[3] Com a mudança de direção da escavação no ano de 1984, setor B passa a definir o espaço entre o setor A e o setor C.

metalurgia. No entanto é importante realçar que este setor não está totalmente escavado, estando em aberto a possível existência deste tipo de estruturas.

O Setor E é composto por dois muros a formar um ângulo de 90º e não fornece muitos dados de análise.

No entanto, é importante ressaltar que as estruturas se prolongam para Poente, no sentido do caminho-de-ferro e da zona de derrubes e silhares amontoados, uma vez que se situa entre esta zona e as estruturas intervencionadas.

Por fim, o Setor F, uma construção positiva, de pedra seca e já sem cobertura, que parece assentar sobre outras construções mais antigas. Localiza-se relativamente perto da linha de caminho-de-ferro provavelmente foi construída com a finalidade de apoio às obras, ou seja, uma estrutura contemporânea.

Aqui procurou-se saber se tinham sido reutilizados materiais antigos e sobre o que assentava.

Em torno destes setores, dentro da propriedade, foram identificados outros vestígios, através de prospeção de superfície e recolha de alguns materiais como tégulas, fragmentos de *dolia,* de mós ou da existência de silhares afeiçoados.

As cerâmicas calcinadas indicam uma estrutura de produção e o espólio monetário mostra a plena inserção nos circuitos comerciais, mas não há qualquer referência a elementos de importação. Será importante referir que a coleção de espólio do Mascarro é muito diminuta e não constam peças completas. Contempla bordos e fundos cerâmicos, alguns metais, fragmentos de vidro, cerâmica de construção e alguns elementos arquitetónicos.

Em geral apresentam características que os encaixam cronologicamente entre os séculos III d.C. e V d.C., com distinção de um capitel jónico liso de influência toscana datável do século I d.C. (Fernandes, 2001) e do triente visigótico em ouro de Égica, cunhado em Toledo, datável do seculo VIII d.C..

Importante destacar a ara votiva encontrada neste local em 1971. José d'Encarnação (Encarnação, 1984: 675) escreve-a como sendo «*Metade inferior duma ara votiva em granito de grão fino, trabalhada nas quatro faces.*»

Leitura e interpretação do autor:

[…] / [VS?] IVNII / IQALV [?] / ARI (?) A(nimo) L(ibens) V(otum) S(olvit)

… cumpriu de boa vontade a promessa.

A epígrafe de Mascarro é uma ara votiva que André Carneiro (Carneiro, 2014: 130) interpreta inicialmente como sendo proveniente de um *lararium* doméstico, mas posteriormente situa-a num templo situado no eventual *fundus*.

As estruturas que resultaram das campanhas de escavação encaixam-se numa paisagem suave, de meia encosta e nas proximidades de um curso de água. A partir da zona da atual casa do monte, que tem uma altimetria de cerca de 374 m, tem uma boa panorâmica sobre a envolvente. Até agora nunca foram encontrados quaisquer vestígios materiais ou estruturais, mas também nunca foi aberta nenhuma sondagem ou levantado nenhum piso no sentido de se tentar perceber se existiriam estruturas nesta zona.

Eleva-se a uma cota que oscila entre os 370 e os 380 m e dista da Ribeira de Nisa cerca de 750m em linha reta, o que cria outras dinâmicas paisagísticas através de férteis várzeas e solos propícios à agricultura. Os vestígios ocupam uma área onde predominam maioritariamente carvalhos e afloram formações graníticas.

A estação arqueológica é atravessada pela linha férrea do Ramal de Cáceres (Km 219 e 220).

Os solos caracterizam-se por ser de classe D e E, com muitos afloramentos graníticos e solos litólicos não-húmidos, o que não corresponde às preferências clássicas. Uma situação semelhante parece verificar-se em Elvas como explica Maria José de Almeida (2000, 148), onde a escolha de implantação de Terrugem e Valbom incide sobre solos de fraca aptidão, tipo D e E. Em geral, os casais e não as *villae*, costumam estar implantados sobre terrenos de fraca capacidade agrícola como estes, ainda que por vezes existem pequenas bolsas de solo de classes melhores que não surgem na cartografia.

Geralmente uma linha de água encontra-se sempre presente na base do sítio pois os recursos hídricos são de grande relevância para a implantação de sítios romanos para fins agrícolas, termais e vivenciais. Próximo deste local corre a ribeira de Nisa, com grande manancial no Inverno, e a ribeira do Mascarro, sazonal e de pequeno caudal. Sítios rurais preferem genericamente a proximidade de afluentes secundários, como seria a ribeira do Mascarro.

Ao nível da altimetria, esta zona apresenta variações profundas de cota. A constante para a implantação das *villae*, geralmente varia entre os 200 e os 400 m absolutos – ou seja, o terreno preferencial de colonização centrou-se na área intermédia, com altimetria de valores moderados. No Mascarro, as estruturas intervencionadas estão a uma cota de cerca de 364 m absolutos.

A relação com as vias é um dos aspetos mais complicados de analisar, pois era relevante devido à facilidade e comodidade de acesso e para este caso não estão ainda disponíveis muitos dados. Mas por norma a *villa* encontra-se distanciada da via principal, ligada por uma via secundária onde se localiza o pequeno sítio – *diverticulum*. Estas estruturas fundiárias não acompanham de todo os itinerários, porque correm muito para lá do seu território.

Estes aspetos bem analisados podem indicar uma *villae*, mas também outro tipo de sítio. Com os dados atualmente disponíveis é complexo encaixar interpretações.

Em jeito de conclusão, o território em análise foi ocupado ao longo do tempo de várias maneiras, com unidades de povoamento bem diferenciadas. Uma realidade que ainda é difícil de conjeturar e de compreender na íntegra, pois apenas recentemente a investigação se preocupou em retificar as diferenças existentes dentro desta multiplicidade.

Durante o Império Romano e ao longo da Antiguidade Tardia, distinguem-se diferentes formas de ocupar e marcar a paisagem, catalogadas e hierarquizadas numa diversidade de arquiteturas e de conceções finais que ainda hoje não se consegue de todo conciliar.

O povoamento rural romano no concelho de Castelo de Vide direciona-se a partir da implementação de uma estrutura articulada em torno de propriedades que provêm à exploração dos recursos que o território tinha para oferecer em meio rural. Neste sentido, as *villae* serão um elemento estruturante mas que enquanto paradigma vivencial expira nos finais do século V ou durante a sexta centúria, mas que nada têm a ver com a ocupação e conceito inicial de exploração do *fundus*.

Alem das *villae*, terão existido certamente outros locais de dimensões mais reduzidas que serviam de apoio aos locais "principais". As problemáticas associadas ao estudo do povoamento rural romano prendem-se sobretudo por serem realidades diversificadas e que resultam em diversos tipos de povoamento.

Em Castelo de Vide já foi identificado um bom conjunto de sítios, mas falta perceber ainda muito sobre os mesmos.

Pode-se perceber que a maioria destes sítios tem implantação canónica e está "estrategicamente" implantado.

Quanto ao Mascarro, concretamente, subsiste a dúvida em como classificar os vestígios conhecidos. A análise da envolvente, de determinados elementos arquitetónicos, do *torcularium* levam a acreditar que seria mais um sítio de grandes dimensões e relacionado com a produção.

Apenas retomando os trabalhos de escavação se conseguem apurar mais dados sobre o sítio e com prospeções intensivas se conhece melhor o território do concelho e consequentemente as antigas ligações.

Bibliografia

ALARCÃO, Jorge de (1995) - *O Domínio Romano em Portugal*. Lisboa: Publicações Europa América.

ALARCÃO, Jorge de (1988) - *Roman Portugal*: Inventário, Fasc 3 Évora, Faro & Lagos. Londres: Aris&Phillips Ltd, Vol. II.

ALARCÃO, Jorge de (1976) - Sobre a economia rural do Alentejo na época romana. *Conimbriga*. Coimbra. 15, 1-40.

ALMEIDA, Maria José de (2000) - *Ocupação rural romana no actual concelho de Elvas.* Dissertação Mestrado apresentada na Faculdade de Letras Universidade de Coimbra. Inédita. Coimbra: Universidade de Coimbra.

CARNEIRO, André (2014) - *Lugares, tempos e pessoas: Povoamento rural romano no Alto Alentejo*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, Humanitas Supplementum, I/II.

CARNEIRO, André (2008) - Para a Cartografia dos Cultos Religiosos no Alto Alentejo. *Espaços e Paisagens. Antiguidade Clássica e Heranças Contemporâneas*, 3, 80-97.

CARNEIRO, André (2013) - Poder e Território: O Alto Alentejo entre o Império e a Antiguidade Tardia. In Fábio Cerqueira, Ana Teresa Gonçalves, Edalaura Medeiros & Delfim Leão (Orgs.). *Saberes e poderes no Mundo Antigo: estudos ibero-latino-americanos*, Vol. I, 546-567.

CARVALHO, Joaquim (1997) - Ocupação Humana no Concelho de Castelo de Vide. *Ibn Marwan*. *Revista Cultural do Concelho de Marvão*. Lisboa: Colibri, 8.

ENCARNAÇÃO, José d' (1984) - *Inscrições romanas do conventus pacensis subsídios para o estudo da romanização*. Coimbra: Instituto de arqueologia da Faculdade de Letras.

ENCARNAÇÃO, José d' (1995) - *Ara votiva da colegiada (Castelo de Vide) (Conventus Emeritensis)*. Conimbriga, Ficheiro Epigráfico, Separata 49.

FERNANDES, Lídia (2001) - Capiteis romanos de Ammaia (S. Salvador de Aramenha - Marvão). *O Arqueológo Português*, Série IV, 19,95-158.

MONTEIRO, Mário (2003) - *A villa romana dos Mosteiros*.

OLIVEIRA, Jorge de (1984/1985) - Caderno de campo Escavação Mascarro.

OLIVEIRA, Jorge de (1984) - *Relatório da escavação arqueológica da Herdade do Mascarro 1984*.

OLIVEIRA, Jorge de (1985) - *Relatório de trabalhos arqueológicos na Herdade do Mascarro 1985*.

PEÑA CERVANTES, Yolanda (2010a) - *Torcularia La producción de vino y aceite en Hispania. Catálogo de yacimientos analizados en cedé.* Tarragona: Institut Català d'Arqueologia Clàssica.

PEÑA CERVANTES, Yolanda (2010b) - *Torcularia La producción de vino y aceite en Hispania. Catálogo de yacimientos analizados.* Tarragona: Institut Català d'Arqueologia Clàssica, vol. II.

PITA, António (1983), *Relatório da Escavação Mascarro 1983*, Castelo de Vide: GACV.

PRATA, Sara (2012) - *As Necrópoles alto-medievais da Serra de São Mamede (Concelhos de Castelo de Vide e Marvão)*. Tese de Mestrado apresentada na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Inédita. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa.

RODRIGUES, Maria da Conceição Monteiro (1975) - *Carta Arqueológica do Concelho de Castelo de Vide*. Lisboa: Gráfica de Coimbra, 131-172.

WÖLFRAM, Mélanie (2012) - *Uma síntese sobre a cristianização do mundo rural no sul da Lusitânia: arqueologia-arquitectura-epigrafia*, Vol. I/II. Tese de Doutoramento apresentada na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Inédita. Lisboa: Universidade de Lisboa.